



ID: 125010472

18-09-2026 | WEEKEND



Helena Geraldes preside o Grupo de Amigos do MNAA desde 2021. Os Painéis de São Vicente, a obra emblemática do museu, estão a ser restaurados graças ao mecenato captado por este grupo. Os trabalhos deverão estar concluídos em março de 2027.

Os melhores amigos dos museus

O Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA) vai reabrir ao público em novembro, depois de mais de um ano fechado para obras. O Grupo de Amigos deste museu é um dos mais antigos do mundo. Foi fundado em 1912 pela elite da altura e, entre os seus sócios, teve nomes como Ricardo Espírito Santo Silva, Raul Lino, Egas Moniz, Columbano Bordalo Pinheiro e Guerra Junqueiro. Em Portugal, não se sabe quantos grupos de amigos de museus existem. Estima-se que sejam mais de 30. O seu dia será celebrado a 11 de outubro.

FILIPA LINO
flino@negocios.pt

Os membros fundadores do Grupo de Amigos do MNAA pertenciam à elite política, económica e intelectual do país. Entre eles estavam o pintor Columbano Bordalo Pinheiro (à esquerda), o arquiteto Raul Lino (ao centro) e o ator Augusto Rosa (à direita), cujos retratos foram editados em postais pela Livraria Ferreira, sócia fundadora do Grupo.



P

or estes dias, o Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA) é um autêntico estaleiro de obras. A fachada está tapada por andaimes e tem agora a cor rosa, que se descobriu ser a original. Lá dentro, as salas estão às escuras, há obras de arte tapadas com plásticos, as vitrinas estão vazias e ouve-se o barulho dos trabalhos a decorrer.

Ao mesmo tempo, uma obra emblemática do museu, classificada como tesouro nacional, também está em restauro – os Painéis de São Vicente. Depois de um profundo estudo do políptico, composto por seis painéis, cuja autoria se crê ser de Nuno Gonçalves, pintor régio de D. Afonso V, os técnicos de restauro estão agora na posse de muito mais informação sobre o fabrico deste “retrato coletivo” único na história da pintura europeia, que representa a estrutura social portuguesa do século XV.

Este é um dos muitos tesouros nacionais que estão no acervo do museu, como a Custódia de Belém, de Gil Vicente, As Tentações de Santo Antão, de Hieronymus Bosch ou os Biombos Namban, que tantos visitantes atraem.

Quando o museu reabrir ao público, em finais de novembro, depois de mais de um ano encerrado para profundas obras de reabilitação e requalificação no âmbito do Programa Recuperar Portugal (PRR), o restauro ainda estará a decorrer e os visitantes vão poder observar o trabalho dos técnicos através de um vidro.

Esta intervenção contou desde a primeira hora com o apoio do Grupo de Amigos do MNAA (GAMNAA). Foi esta associação de caráter cultural sem fins lucrativos que permitiu captar o mecenato, junto da Fundação Millenium BCP, para financiar o restauro. Mas a parceria entre a direção do museu, o grupo de amigos e o mecenato, existe há 114 anos.

Foi a 27 de abril de 1912 que esta sociedade de filantropos foi fundada, por iniciativa de José de Figueiredo, o então diretor do MNAA. Desde então, tem sido um suporte fundamental para o museu.

Este é um dos mais antigos grupos de amigos de museus a nível mundial, tendo sido inspirado na Société des Amis du Louvre, nascida em 1897. Em finais do século XIX e início do século XX, foram surgindo várias agremiações um pouco por toda a Europa e nos EUA, com o objetivo de prestar apoio mecenático a museus, que juntavam figuras de relevo da sociedade. É nesse contexto que é fundado o GAMNAA, cujos estatutos definiam três áreas de atividade – aumentar as coleções do museu, melhorar as condições de instalação e exposição e divulgar o museu, aproximando-o do público.

Naquele tempo, havia uma grande movimentação no mercado da arte e corria-se o risco de serem vendidas para o estrangeiro peças importantes do património português, que estavam em coleções particulares ou em antiquários. A função desta sociedade era ser muito mais do

continua

ID: 125010472

18-09-2026 | WEEKEND

continuação

que uma espécie de clube dos amantes de arte. Pretendia-se angariar fundos para adquirir obras para a coleção e ajudar financeiramente o museu, numa altura em que o Estado português tinha os seus recursos limitados e a República dava os primeiros passos.

A história é contada por Helena Geraldês, presidente do Grupo de Amigos do MNAA, na Sala Patinô – cujas paredes estão cobertas por uma “boiserie” austríaca dourada, oferecida ao museu pelo boliviano Antenor Patiño, um mecenas e amigo do MNAA, que foi um dos homens mais ricos do mundo, conhecido como o “Rei do Estanho”, por ser o proprietário das principais minas de estanho na Bolívia e controlar o mercado mundial deste mineral.

Entre os sócios esteve sempre a elite política, económica e intelectual do país. Nomes como Calouste Gulbenkian, António de Medeiros e Almeida, Ricardo Espírito Santo Silva, Raul Lino, Egas Moniz, Columbano Bordalo Pinheiro, José Relvas, Guerra Junqueiro e Augusto Rosa, fizeram parte desta associação.

Luís Fernandes, o primeiro presidente do grupo de amigos, e José de Figueiredo, diretor do museu, percorreram nos primeiros anos os antiquários e galerias de arte em Paris e em Portugal, à procura de obras. Foi assim que surgiu a compra por mil escudos de um Contador de Antuérpia do século XVII, com pinturas atribuídas a Frans Wouters, que pertencia ao colecionador António Pedro da Silva, e de muitas outras peças, que ainda hoje estão no acervo.

“Nos primeiros 20 anos, foram oferecidas ao museu pelo Grupo de Amigos 200 obras de arte de variadíssimo valor”, conta a presidente do GAMNAA. Essas peças que foram sendo adquiridas e doadas ao museu juntaram-se à coleção que tinha origem na extinção dos conventos e na Casa Real Portuguesa. Atualmente, o museu, que faz parte da rede da Museus e Monumentos de Portugal, tem 40 mil peças, das quais só uma ínfima parte está em exposição, por falta de espaço.

As obras são sempre compradas pelo Grupo de Amigos por indicação da direção do museu, explica Helena Geraldês. “Eles escolhem e quem paga, muitas vezes, somos nós”, diz entre risos. O caso mais recente foi um desenho da reconstrução do Terreiro do Paço que a diretora do museu Maria de Jesus Monge viu há poucos meses num leilão, em França. “Conseguimos comprar essa obra, mas temos um orçamento limitado e já houve situações em que não conseguimos mesmo avançar com o dinheiro”.

Uma aquisição muito mediatizada em 2016, que mobilizou a sociedade civil em Portugal em prol do património cultural, foi a da obra “Adoração dos Magos”, de Domingos Sequeira (1768-1837). Houve uma inédita campanha de angariação de fundos por “crowdfundig”, promovida pelo museu com o patrocínio do Grupo de Amigos, que permitiu trazer a pintura para o MNAA. O dinheiro angariado ultrapassou o valor necessário para a compra da obra e permitiu adquirir uma outra pintura para o museu – “Retrato de D. João V e a Batalha do Cabo Matapão”, de Giordano Domenico Duprà (1689-1770). Nesta angariação de financiamento “quem fez a grande alavancagem foi a Fundação Aga Khan, que avançou com 200 mil euros”. A partir daí, “houve uma mobilização muito mais interessante, que ultrapassou a verba que se pretendia”, recorda.

O grupo promove e financia também as exposições assim como as publicações que o museu edita. Isso deverá acontecer no próximo ano, quando for realizado um grande colóquio internacional em torno dos Painéis de São Vicente, que celebrará o restauro desta obra, que deverá estar concluído em março.

As 58 personagens em torno da dupla figuração de São Vicente ainda estão envoltas em mistério e intrigam os investigadores. A obra tem sido uma imagem de Portugal no mundo e um instrumento de diplomacia cultural. A última vez que os Painéis de São Vicente saíram em conjunto de Portugal foi em



AFMNA

Nos primeiros 20 anos, o Grupo de Amigos do MNAA ofereceu ao museu 200 obras de arte que integraram a coleção com origem na extinção dos conventos e na Casa Real Portuguesa. Uma delas foi a pintura Cortesã de Jacob Adriaensz Backer, do século XVII (em baixo), comprada pelo Estado português com o apoio da associação a um antiquário parisiense, em 1918.

1955 para integrarem a Exposição de Arte Portuguesa na Royal Academy of Arts, em Londres, numa altura em que a Assembleia das Nações começou a discutir o problema colonial. Antes, tinham estado na exposição colonial de Paris e em Sevilha.

O embaixador António Monteiro deixou há menos de dois meses a presidência da Fundação Millennium BCP – um dos principais mecenas do museu e do universo da cultura no país. Lidou de perto com os grupos de amigos de vários museus e sublinha que “têm sido essenciais na ajuda ao trabalho dos diretores dos museus e aos próprios museus, pela interação que têm com o Governo”, no sentido de fazerem lóbi para que “haja uma conjugação de esforços” entre o público e o privado.

Recorda os “muitos projetos marcantes” na área do restauro em que a fundação esteve envolvida, através dos grupos de amigos, não apenas no MNAA, mas também no Museu Nacional de Arte Contemporânea (MNAC), onde foram restauradas duas obras-primas de Columbano Bordalo Pinheiro – o famoso quadro “O Grupo do Leão” (1885) e “Concerto de Amadores” (1882). O Museu Nacional do Azulejo e o Museu Nacional Soares dos Reis, no Porto, são também exemplos de instituições que beneficiaram destes apoios do mecenato.

Muitas vezes, a fundação não avança sozinha. “Nós impulsionamos muito as contribuições de outras entidades para, em conjunto, lançarmos os projetos que consideramos válidos”, refere.

O arqueólogo Luís Raposo conhece bem o mundo dos museus a nível internacional. O antigo presidente do ICOM Europa, o organismo onde estão representados profissionais e instituições museológicas de vários países europeus, recorda que até hoje só houve um Ano Europeu do Património Cultural, “por pressão de várias entidades junto da União Europeia”. Foi em 2018. Nesse ano, a Aliança Regional Europeia do Conselho Internacional dos Museus (ICOM Europa) e a Federação Mundial dos Amigos dos Museus (WFFM) juntaram-se para elaborar a Declaração do Funchal. O documento fazia um conjunto de recomendações ao poder político. Entre elas, melhorar o nível do financiamento aos museus, sensibilizar os cidadãos para a importância cultural dos museus nas suas vidas



MMP, E.P.E./JADP

ID: 125010472

18-09-2026 | WEEKEND



e encorajá-los a participar ativamente na sua promoção e salvaguarda.

Para o arqueólogo, os grupos de amigos são “essenciais para os museus” porque são constituídos por “pessoas que se declaram especialmente afeições, ligadas aos museus ou monumentos e que se dispõem a contribuir, participar e divulgar as atividades dessas instituições e a fazer pressão perante a opinião pública e os poderes instituídos, em defesa das mesmas”.

Nesse mesmo ano de 2018 foi feito o único Eurobarómetro sobre o património cultural na Europa. Os dados recolhidos mostraram que os portugueses valorizam fortemente o património cultural, mas apresentam uma participação ativa e uma frequência de visitas a locais históricos inferior à média europeia, alegando, sobretudo, falta de tempo e o preço elevado dos bilhetes.

Com esta distância entre os cidadãos e os museus e monumentos, torna-se mais difícil suportar financeiramente estas instituições e os grupos de amigos acabam por ser “em muitos países e Portugal, infelizmente, não foge à regra, demasiado elitistas”, considera. Não se sabe exatamente quantos grupos de amigos de museus existem no país. Nem todos são membros da Federação de Amigos dos Museus de Por-

Desde que foram criados em finais do século XIX, na Europa e nos EUA, os grupos de amigos dos museus têm tido um papel fundamental na dinâmica destas instituições, na compra e conservação de obras e até na divulgação do património. Em 1912, quando o GAMNAA foi criado, havia uma grande movimentação no mercado da arte e corria-se o risco de serem vendidas ao estrangeiro peças importantes do património português, que estavam em coleções particulares ou em antiquários.

tugal (FAMP). Esta entidade reúne cerca de 30 associados e é a representante de Portugal na Federação Mundial dos Amigos dos Museus (WFFM – World Federation of Friends of Museums), que conta com mais de um milhão de amigos de todo o mundo.

UM GRUPO COM 1.700 AMIGOS

Helena Galdes sublinha que o Grupo de Amigos do MNAA serve para dar apoio à direção do museu em, praticamente, tudo. “Já chegámos a pagar as lâmpadas”, diz. “Destinamos uma verba por ano para necessidades prementes, que surgem de repente.”

Mas a contribuição para a compra de obras de arte está cada vez mais difícil porque os preços no mercado subiram muito, diz. É, por isso, necessário, não só aumentar o número de sócios, como angariar mecenato.

Na pandemia, houve um travão a fundo no apoio financeiro. Os mecenas temeram que isso fosse mal visto pela opinião pública, tendo em conta o contexto que se vivia e as necessidades que se sentiam nos hospitais. Por isso, teve de se contornar essa barreira para a compra de uma obra importante para o museu. Surgiu um quadro de Baltazar Gomes Figueira (1604-1674) à venda em Espanha e o museu não tinha nenhuma obra deste pintor que é o pai e mestre da pintora Josefa de Óbidos.

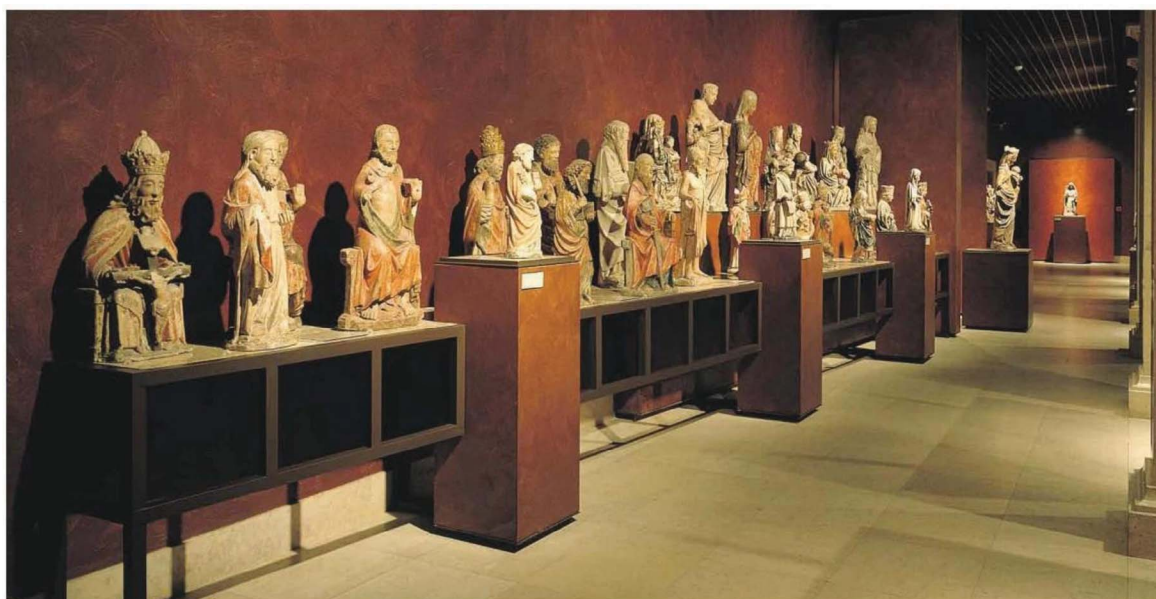
O Grupo de Amigos do MNAA avançou com uma parte do dinheiro e lançou uma campanha pública de recolha de fundos para permitir a aquisição desta natureza morta. O antiquário espanhol possibilitou que a pintura viesse para o museu antes de receber a totalidade do dinheiro que só foi paga um ano depois.

Hoje, o Grupo de Amigos do MNAA conta com cerca de 1.700 membros e tem vindo a crescer. “Quando comecei a estar envolvida, em 2007, se houvesse 300 sócios era uma sorte”, recorda Helena Galdes. As receitas vêm das quotas anuais pagas pelos sócios que, se forem individuais, têm o valor de 45 euros (ou 40 euros para membros acima dos 65 anos), os casais pagam 75 euros e os sócios corporativos 250 euros. “Infelizmente, temos poucos sócios coletivos. Precisamos de começar a desenvolver essa procura de empresas que estejam interessadas em apostar neste grupo de amigos”, reconhece.

Outra fonte de receitas é a organização de eventos.

Os jovens até aos 25 anos não pagam quota. Existem cerca de 400 sócios nesta faixa etária. O grupo tem também cada vez mais estrangeiros. Na direção está o jornalista americano Dennis Redmond, antigo correspondente da AP, que chegou a Lisboa em 1965, em plena ditadura. A gestão do corpo de voluntariado no museu é outra das responsabilidades do grupo de amigos e, no acolhimento, também já houve uma cidadã americana que reside em Portugal.

“Há muita gente que está interessada em ajudar. Quando enviamos uma circular para todos os amigos a perguntar quem está interessado em voluntariar-se, há sempre imensas respostas”, conta. Agora, com a reabertura do museu, “estamos a ver com a direção quais são as necessidades”. É preciso pensar o papel dos amigos, “já a olhar para o futuro”, diz. ■



MMP, EPE/ADF, José Pessoa